



RAZÃO E EDUCAÇÃO PRÁTICA EM KANT: A FORMAÇÃO HUMANA COMO PRESSUPOSTO PARA O ENFRENTAMENTO DAS ADVERSIDADES

REASON AND PRACTICAL EDUCATION IN KANT: HUMAN TRAINING AS ASSUMPTION FOR ADDRESSING ADVERSITIES

Renata Cristina Lopes Andrade **1**


Resumo: Pretendemos com este artigo, de caráter teórico-filosófico, expor e refletir sobre a formação humana junto da Filosofia Prática de Immanuel Kant, particularmente, resgatando dois conceitos, a saber: razão e educação prática. A educação prática kantiana pode contribuir com a reflexão acerca da formação humana na atualidade? Contemplando essa questão, oferecemos, neste artigo, o entendimento do projeto de razão e de educação prática de Kant, com a aposta de que a formação humana, a formação da humanidade do ser humano, possa ser um caminho seguro para o enfrentamento das adversidades humanas, sociais, pandêmicas, ambientais (...). Trazemos o estudo teórico para compreender, orientar e, quem sabe, promover a realidade, em particular as realidades educacionais e formativas, o que significa a oportunidade do pensamento para compreender e transformar o presente.

Palavras-chave: Formação Humana. Razão Prática. Educação Prática. Kant.

Abstract: We intend with this article, of a theoretical-philosophical character, to expose and reflect on human formation together with Immanuel Kant's Practical Philosophy, particularly, rescuing two concepts, namely: reason and practical education. Can practical Kantian education contribute to the reflection on human formation today? Contemplating this issue, we offer, in this article, an understanding of Kant's project of reason and practical education, with the bet that human formation, the formation of humanity of human beings, can be a safe way to face human adversities, social, pandemic, environmental (...). We bring the theoretical study to understand, guide and, who knows, promote reality, in particular the educational and training realities, which means the opportunity for thinking to understand and transform the present.

Keywords: Human Formation. Practical Reason. Practical Education. Kant.

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Acre. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3480573376522900>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9393-8932>. E-mail: renata.cristina@ufac.br



Introdução

Em diversas situações, podemos acreditar que os valores humanos, por exemplo, de bem, de honestidade, de justiça, de respeito, de consciência, de responsabilidade, de boa convivência, de amor, de amizade, dentre outros, estão presentes e são revelados nas ações dos seres humanos no cotidiano. Porém, por outro lado, podemos observar, também, um estado de fragilidade humana profunda, o qual se revela na banalização do que é o bem ou o mal, no abandono de tudo o que é genuinamente humano, no esvaziamento da dignidade e da pessoa humana e na barbárie das relações entre os seres – humano, natural, físico, animal (...). Desse modo, questionamos: qual é o motivo da vulnerabilidade dos valores? por que os valores humanos parecem se diluir? quais as razões do surgimento de um neoconservadorismo?

Considerando a instabilidade humana, estampada em diversos cenários da realidade humana e não humana, enxergamos a necessidade e a urgência de uma relação intensa entre a educação e a ética, entre a educação e a formação da humanidade, entre a educação e a formação em valores, a necessidade e a urgência da formação e do desenvolvimento ético do educando, da Educação Básica ao Ensino Superior, pois seja qual for a etapa educacional, o ser humano é o que permanece. Por isso, trazemos neste artigo, de caráter teórico-filosófico, algumas reflexões sobre a possibilidade da formação humana junto da filosofia da educação (prática) de Immanuel Kant. Particularmente, expondo e refletindo sobre dois conceitos, a saber: a razão prática e a educação prática. A educação prática kantiana pode contribuir com a formação humana na atualidade? Contemplando essa questão, buscamos o entendimento do projeto de razão e de educação prática de Kant, com a aposta de que a formação humana, a formação da humanidade do/no ser humano, possa ser um caminho seguro para os enfrentamentos das adversidades humanas, sociais, pandêmicas, ambientais (...).

Trazemos, neste momento, o estudo teórico para compreender, orientar e, quem sabe, promover a realidade, em particular as realidades educacionais e formativas, o que significa a oportunidade do pensamento para compreender e transformar o presente. Compreensão e transformação em união com uma filosofia da educação que nos oferece a ampliada concepção de ser humano e de educação com a tarefa, fundamental, da formação em valores, de formação humana do ser humano, uma formação educacional para além dos aspectos instrumentais e técnicos, propondo o seguinte caminho: da formação humana para a realização de ações sob valores e princípios no mundo. Noutras palavras, a formação humana para a realização de ações éticas no mundo. Portanto, buscamos aqui a exposição e a compreensão do pensamento para podermos ponderar sobre a sua oportunidade.

Conforme pensamos, o conhecimento do pensamento, das ideias, dos conceitos e dos fundamentos é necessário e atual, seja por seu valor intrínseco, valor próprio da filosofia, seja por seu valor para a *práxis*, de acordo com Severino (2001), dar ao pensamento as “[...]condições de se realizar como *práxis*”, isso significa o diálogo entre o puro e o empírico, entre o pensamento e as experiências reais a partir da perspectiva de intervenção e de transformação do real. Em resumo, a união entre o pensamento e a realidade, como a que pode, ademais, evitar os dogmatismos cegos e parciais, evitar o meramente prescrito e imposto. De acordo com Freire (2005), com as ações isoladas, ou seja, desvinculadas de toda teoria ou pensamento, corremos o risco do ativismo simplório, então, há a imprescindibilidade da realidade acompanhada do sério empenho do pensamento. Nesse sentido, a filosofia da educação enquanto parte da *práxis* educativa diz respeito a um pensamento que contribui com o nosso tempo, que nos auxilia à questionar sobre as nossas necessidades, as nossas realidades e que nos ampara na transformação dessas realidades, pois é um pensamento de reflexões e de reflexos.

Sendo assim, quer por seu valor próprio, quer pelo seu valor prático enquanto *práxis*, nos dedicamos, neste momento, ao pensamento pedagógico de Kant, à sua filosofia da educação e seus conceitos de razão prática e de educação prática, para compreendê-los e poder ponderar, a qualquer momento, sobre a sua oportunidade e contribuição (ou não) na transformação do real. Ressaltamos que não analisaremos a realidade, mas, inicialmente, proporcionaremos o entendimento e a reflexão filosófica acerca da proposta da razão e educação prática de Kant.

Para abordar a razão e educação prática kantiana, dedicaremos as nossas análises, em especial, às preleções *Sobre a pedagogia*, porém, sem perder o vínculo, visto não ser possível, com o todo do pensamento de Kant – teórico, prático e estético. As preleções *Sobre a pedagogia*, publicadas pela primeira vez em 1803, mediante a autorização de Kant pelo aluno e amigo Friedrich Theodor Rink, tratam-se do conjunto das aulas de Kant de quando o filósofo lecionou cursos de pedagogia na Universidade de Königsberg no semestre de inverno 1776/77, no semestre de verão de 1780 e nos semestres de inverno de 1783/84 e 1786/87. (SANTOS, 2014, p. 163)¹. Os professores de filosofia das universidades alemãs do século XVIII ocupavam-se, também, de cursos de pedagogia, o que se justifica, além das exigências ministeriais (WEISSKOPF, 1970, p. 97), se considerarmos que muitos dos filósofos da época tiveram por objeto de estudos, reflexões e indagações a educação e os seus elementos.

É importante dizer que há, tanto no pensamento como na vida de Kant, um dos grandes pensadores do Iluminismo e do Idealismo Alemão, uma íntima relação com a educação. Além da obra *Sobre a pedagogia*, na qual nos deparamos, de modo sistemático, com as concepções de Kant acerca da educação, em outros momentos da sua filosofia, o tema da educação é recorrente. Por exemplo, nas três *Críticas*, consideradas o núcleo do pensamento kantiano, em particular na *Doutrina do Método* de cada uma de suas *Críticas*, na *Metafísica dos Costumes*, parte II – *Princípios metafísicos da doutrina da virtude*, também na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* ou na *Resposta a pergunta: que é o Iluminismo?*. Sobre o Kant professor,

Kant foi professor durante toda a sua vida e viveu do ensino que praticava, seja como tutor nas casas das famílias abastadas (1748-1754), seja como *Privatdozent* – título que se dava àqueles que ensinavam nas universidades, mas cujo ensino era pago diretamente pelos alunos que frequentavam os cursos e não pela Universidade – seja, finalmente, como Professor da Universidade de Königsberg, o que aconteceu a partir de 1770. Além de ter sido professor durante toda a sua vida, Kant ministrou quatro cursos sobre pedagogia, o que o levou a tratar explicitamente de temas ligados à educação (BUENO, 2012, p. 168).

Considerando a profunda relação entre Kant e a educação, considerando a sua proposta de formação humana via educação, vamos, então, aos esclarecimentos e à compreensão da razão e educação prática kantiana, em termo de análise e de procura. Afinal, qual é o dever da educação segundo Kant?

Razão Prática e Educação

O amplo desenvolvimento do que Kant chamou de pedagogia, educação ou arte de educar encontramos, como posto, singularmente nas preleções *Sobre a pedagogia*. Há, na presente obra, a exposição da preocupação kantiana em desenvolver e justificar a boa educação, “ver de modo claro o quê propriamente pertence a uma boa educação” (KANT, 1999, p. 16). A presente preocupação é de grande importância para o filósofo, tendo em vista que a educação, em sua visão, diz respeito à oportunidade de formar e de desenvolver no ser humano o que de fato pertence à sua humanidade. Na educação, segundo o filósofo, está o segredo da perfeição da natureza humana, bem como, a boa educação “abre a perspectiva para uma futura felicidade da espécie humana”. (KANT, 1999, p. 17). Portanto, em Kant, para que o ser humano, enquanto espécie humana, seja desenvolvido de forma plena, alcance a sua humanidade e felicidade, é preciso que seja educado.

Ora, se tudo o que realmente pertence à humanidade do ser e da natureza humana, se a sua formação e desenvolvimento, a sua perfeição e futura felicidade, dependem, também, de uma

1 Ainda que no Brasil a informação de que Kant teria oferecido as preleções sobre a Pedagogia apenas em três situações – 1776/77, 1783/84 e 1786/87, Santos (2014) adverte que o registro da preleção de 1780 é confirmado por estudiosos da filosofia kantiana, por exemplo, WEISSKOPF (1970), STARK (2000) e LOUDEN (2000), e, além da preleção de 1780, Kant teria anunciado uma nova preleção no semestre de inverno 1790/91, a qual não ocorreu devido à uma reestruturação interna da Universidade de Königsberg, mais conhecida como Universidade Albertina.

boa educação, era preciso pensar com rigor sobre a educação, desenvolvendo assim um projeto, conceito ou ideia, pois, de outro modo, cairíamos sempre em erros e lacunas e a educação “não se tornará jamais um esforço coerente” (KANT, 1999, p. 21). Nas palavras do filósofo:

O projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo. Não podemos considerar uma Idéia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização. Uma Idéia não é outra coisa senão o conceito de uma perfeição que ainda não se encontra na experiência [...] Se, por exemplo, todo mundo mentisse, o dizer a verdade seria por isso mesmo uma quimera? (KANT, 1999, p. 17).

Essa é a proposta de Kant, conceber uma filosofia da educação que apresente um projeto sistemático, uma ideia ou conceito que possibilite desenvolver no ser humano o que de fato convém ao seu ser, para que o ser humano possa atingir o seu fim, a sua destinação, isto é, a sua Humanidade, de forma universal. Em Kant, “o estabelecimento de um projeto educativo deve ser executado de modo cosmopolita” (KANT, 1999, p. 23), isso significa que o alcance da humanidade do ser humano via educação deve ser assegurado para todos sem permitir qualquer exclusão.

Mesmo que haja obstáculos na realização de um projeto educacional, Kant (1999, p. 18) sustenta que não é em vão oferecer um ideal de educação para que o ser humano o persiga em seu aperfeiçoamento e plenitude. Conforme explica Santos (2004, p. 54), a pedagogia kantiana se trata de uma ideia, não de uma ilusão, se trata de um conceito que ainda não se encontrou na experiência, o qual servirá como fundamento para a ação. Por meio de uma ideia de educação, a educação pode se apoiar na experiência, o que permite não ser reduzida a mero empirismo ou, segundo Kant (1999, p. 22), como mero mecanicismo, desordenada e sem projeto, somente conforme as circunstâncias, o que pode acentuar a generalização da esterilização das experiências propriamente formativas. Logo, Kant (1999, p. 21) especifica que toda a arte da educação, do mesmo modo o seu progresso, deve ser raciocinada – pensada, refletida, planejada. A educação meramente mecânica contém muito erros e lacunas justamente por não contemplar projeto algum, e a educação, caso queira desenvolver a natureza humana de tal modo que o ser humano possa atingir a sua humanidade, deve ser raciocinada, senão, nada se pode esperar da educação. Desse modo, Kant busca oferecer o “[...] esboço de uma educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros, os quais poderão pô-las em prática pouco a pouco”. (KANT, 1999, p. 17-18).

Devemos esclarecer que a Humanidade em Kant, própria de todo ser humano, diz respeito, em resumo: às habilidades, aptidões, qualidades, à civilidade, prudência, moralidade, virtude, autonomia, emancipação, liberdade, ética, ao caráter, bons fins e princípios práticos. Segundo Kant: “Há muitos germes na humanidade e toca a nós desenvolver em proporção adequada as disposições naturais e desenvolver a humanidade a partir dos seus germes e fazer com que o homem atinja a sua destinação”. (KANT, 1999, p. 18).

Para o desenvolvimento da humanidade do ser humano via educação em Kant, é pressuposto a necessidade do desenvolvimento pleno da razão humana. Para o filósofo, a razão é a faculdade dos princípios, dos princípios teóricos ou do conhecimento especulativo e dos princípios práticos ou morais. (KANT, 2003, p. 427). Nesse sentido, a partir do desenvolvimento pleno da razão humana, a faculdade dos princípios teóricos e práticos, forma-se o ser humano de modo integral, ou seja, o ser humano que conhece e que age segundo valores e princípios morais e humanos. Isso significa, em última instância, eliminar os perigos dos ‘desvios da razão’ (ADORNO, 2006) pois, com a atenção formativa, além do interesse teórico, no desenvolvimento da razão prática, a razão teórica, ou seja, os conhecimentos, as técnicas e as ciências não se instrumentalizarão, isso porque a razão prática é a razão que sustenta as ações e as relações humanas, é voltada para o sentido da vida e para os fins últimos da existência humana, uma razão emancipatória que nos responde com segurança, independentemente de qualquer exterioridade imposta (social, religiosa ou tradicional), a questão: o que devo fazer? De modo a fazer com e por valor legítimo. A razão teórica nos habilita perseguir todos os fins que almejamos, porém, somente a razão prática possibilita a reflexão e a decisão pelos bons fins, fins que são meus, mas que podem, necessariamente, ser os fins de cada um, sem

exceções. Os bons fins, nas palavras de Kant, são “aqueles fins aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um”. (KANT, 1999, p. 26).

Em Kant, a razão prática: é a razão que tem a ver com os fundamentos determinantes da vontade humana (KANT, 2003, p. 67). Chama-se Prático tudo o que se refere à liberdade (KANT, 1999, p. 35). A filosofia teórica diz respeito ao ser e às leis da natureza e a filosofia prática ao *dever-ser* e às leis da liberdade (KANT, 1980, p. 103). Ou ainda,

[...] consideramos alguma coisa teoricamente, na medida em que atendemos apenas àquilo que diz respeito ao ser; consideramos, porém, praticamente, se examinamos aquilo que nela deveria encontrar-se mediante a liberdade. (KANT, 1985, p. 48).

Desse modo, diferentemente da concepção cotidiana em que o termo ‘prático’ se refere a algo de utilidade rápida, concreta e, em muitos casos, somente particular, no pensamento de Kant, o que quer que esteja relacionado com a escolha, a decisão, a deliberação segundo as leis da liberdade, será um pensamento moralmente prático. O mundo prático, nessa concepção, é o mundo da ação moral, que é autônoma e livre, diferentemente do prescrito na ordem da natureza ou das necessidades naturais, do prescrito ou imposto pelas tradições nacionais ou ainda pela vontade de Deus. Essas ordens, prescrições e imposições como o que move a vontade e, conseqüentemente, o agir humano, consistem em heteronomias, fundam-se, portanto, em algo externo ao ser humano. Coloca-se o princípio da heteronomia da vontade por julgar que a vontade humana não pode (ou não deva) ser determinada senão por algo exterior a ela, contra as ilusões da heteronomia, o interesse prático da razão humana em Kant justifica-se como necessário.

Quando analisamos a extensa ação educacional, buscando reconhecer um projeto de educação do qual fazemos parte, podemos apontar que, atualmente, a proposta se caracteriza, principalmente, pela instrumentalização e pela (de)formação dos sujeitos da educação, o que, nesse contexto, significa a primazia das informações e das técnicas que o educando deve receber e armazenar, formando nesses sujeitos apenas os conhecimentos técnicos, porém, sem a capacidade de apreender, de interpretar, de analisar, de problematizar as realidades e as ações do e no mundo. Vivemos na era das informações, evidentemente, não podemos deixar de formar o educando para a convivência com esses elementos, contudo, não podemos deixar de humanizá-los, ou seja, de formar o ser humano para o convívio consigo e com os outros, de formar e desenvolver os diversos aspectos e dimensões que são intrínsecos ao ser humano, outros aspectos e dimensões da natureza, da existência e da condição humana, que podem (e devem) ser contemplados mediante a ação educativa, por exemplo: o conhecimento, a ciência, a emoção, as paixões, a cidadania, a cultura (...) e, conforme estamos assinalando com Kant, os valores e os princípios práticos/morais e a ética. Se a humanidade é algo significativo e definitivo nas relações, situações, experiências e vivências tipicamente humanas, podemos recusá-la ou ignorá-la enquanto objetivo da ampla ação educacional?

Com o desenvolvimento educacional apenas da razão teórica, os conhecimentos podem ser facilmente tecnicizados e, em consequência, instrumentalizados, resultando na razão instrumental, que orienta o ser humano para ‘o que saber’ e ‘como fazer’, é a razão da técnica e da eficácia, um tipo de razão que, facilmente, traz a aposta de que conhecer é dominar e controlar a natureza, humana e não humana, uma razão totalitária, controladora, manipuladora e instrumento dinâmico para submissão dos seres, *é a razão que* produz as consciências coisificadas, a coisificação da realidade, que consiste na idolatria por coisas em si mesmas (ADORNO, 2006), e que nada diz, tem ou traz, da dimensão prática da razão posta no século XVIII por Kant.

A dimensão prática da razão humana é a faculdade dos valores e dos princípios, de longe, os mais altos e sem qualquer comparação, segundo Kant, os valores morais. (KANT, 1980, p. 113), se refere às razões da ação, ao porquê, os motivos, as escolhas e deliberações dos seres humanos. Distinto das orientações externas imediatas enquanto “receitas de ação com base em modelos para serem mimetizados sem a mediação do pensamento, numa condição heterônoma e regredida”. (MAIA, 2012, p. 76). A razão prática é a razão que possibilita o pensamento, a compreensão e a decisão em relação às questões práticas: o que nos leva a agir? quais as razões da nossa ação? o

que devo ou devemos fazer? O que é completamente diferente das receitas prontas de ação, ou seja, da mera moralização.

Não são poucos os fatos que nos indicam a barbárie dos conhecimentos instrumentalizados, por exemplo, o pior dentre todos, o paradoxo da civilização, *Auschwitz* (ADORNO, 2006), ou, mais recentemente, a nova onda conservadora, o advento do neoconservadorismo. Corsetti (2019) destaca que recentemente vivemos uma nova onda conservadora, o advento do neoconservadorismo, ou seja, a regulação, para além do capital, das ações, dos costumes e dos comportamentos dos seres humanos, o que significa uma imposição moralizante para os costumes, a qual cria seres ajustados a esta ou aquela prescrição “moral” da sociedade, da educação, da religião ou de qualquer outra exterioridade. Essa prescrição moralizante, característica do neoconservadorismo, traz, para o campo das experiências humanas e vivências cotidianas, o ‘querido eu’ posto por Kant (KANT, 1980), a ‘moral de rebanho’ de Nietzsche (NIETZSCHE, 1998), a ‘fraqueza do eu’ de Adorno (ADORNO, 2006), a ‘heteronomia’ apontada por Freire (FREIRE, 2010), a ‘banalidade do mal’ de Arendt (ARENDR, 1993), que revelam, em geral, o egoísmo, a arrogância, a submissão e a individualização dos seres humanos. Em suma, com o neoconservadorismo nascente, e crescente, que estabelece e impõe os códigos ou as receitas de ação, de conduta e de costumes, em última instância, o resultado é uma verdadeira e profunda crise Humana, para longe da autonomia, da liberdade, da autodeterminação e autolegislação, da consciência crítica – a consciência de si e a consciência do outro.

Podemos sinalizar que, no Brasil, um dos caminhos para a efetivação da regulação dos sujeitos e da criação de seres ajustados está na educação (CORSETTI, 2019, p. 780), basta analisarmos as recentes reformas e políticas educacionais, exemplificando: a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017), o Novo Ensino Médio (2017), a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica – BNC/Formação (2019). Tendo em vista essas mudanças educacionais, colocamos: apenas esclarecido de conhecimentos e de saberes técnicos, com habilidades mas “sem o conhecimento dos fundamentos dessa habilidade e, menos ainda, da articulação dessa habilidade com o conjunto do processo produtivo” (SAVIANI, 1999, p. 40), isso não conduziria o ser humano para novas espécies de barbárie? o que significa a educação em um mundo onde sobra a formação técnica e falta o sentido? o progresso dos conhecimentos e das técnicas não pode estar acompanhado do progresso humanitário? qual é o espaço da educação nessa tarefa? Portanto, devemos tencionar: quais são as intenções, interações, impactos e implicações dessas reformas e políticas educacionais em relação à humanidade do ser humano?

Vislumbramos nessas alterações e reformas da educação, a dependência da orientação imediata, a prescrição e a subordinação às regras estabelecidas e postas do tipo “faça” e “não faça”, além do desenvolvimento somente do aspecto teórico/especulativo da razão. No entanto, pode ser essa a proposta em um projeto de educação humana? Com o fim de uma autêntica formação humana? Com a possibilidade de realizações por valores e princípios no mundo? Pensando junto da filosofia prática de Kant, a resposta é em definitivo, não. A mera moralização e o desenvolvimento somente da dimensão especulativa técnica, não possuem espaço no formação e desenvolvimento humano, em valores e princípios práticos, justamente porque a filosofia prática de Kant guarda a autonomia moral e a liberdade dos sujeitos agentes.

Por isso, a necessidade de projetos educacionais contrários à regulação, imposição e moralização, em Kant, essa possibilidade diz respeito à formação plena do ser humano, à formação da humanidade do ser humano, em suma, à formação plena da sua razão, Teórica e Prática. Isso significa a formação e o desenvolvimento dos saberes do ‘como fazer’ e da consciência do ‘por que fazer’. Desse modo, haverá o desenvolvimento, a difusão, o fortalecimento dos princípios especulativos, as habilidade, as aptidões e os conhecimentos em sentido teórico, e o desenvolvimento, a difusão, o fortalecimento dos princípios práticos, a virtude, o caráter, a pessoa, a prudência, a autonomia, a liberdade, ou seja, o fazer prático, o desenvolvimento de valores e princípios a partir da conscientização (não da regulação ou imposição) e do querer (não do ajuste) dos sujeitos da ação.

Vemos a distinção entre o ajustar, regular, adestrar e o formar, desenvolver, realizar, a partir do desenvolvimento, também, de uma razão prática, a qual nos possibilita ir em direção do saber prático. Segundo Kant, essa é a base da eticidade, o fazer prático, de modo a fazer com e por valor último, o fazer que é capaz de transformar em móbil o motivo, “[...] o princípio subjetivo do desejar

é o móbil (*Teibfeder*), o princípio objetivo do querer é o motivo (*Bewegungsgrund*)” (KANT, 1980, p. 134). Aqui está a diferença entre os interesses meramente particulares que assentam em móveis e o motivo, que poderá ser válido para todos, sem permitir qualquer exceção. Para Kant, isso expressa o autoconhecimento moral, o qual exige do ser humano o exame dos motivos ou razões das suas ações, isto é, o exame das razões pelas quais fazemos o que fazemos, trata de conhecer e determinar o motivo de uma ação. O autoconhecimento moral é, para o filósofo, o começo de toda a sabedoria humana – a sabedoria prática/moral. (KANT, 2004, p. 41). Nas palavras de Kant: “[...] é preciso, por fim, orientá-los sobre a necessidade de, todo dia, *examinar a sua conduta*, para que possam fazer uma apreciação do *valor da vida*”. (KANT, 1999, p. 107 - grifo nosso). Ora, será esse o verdadeiro e íntimo significado de ser esclarecido? O sentido prático do *Aufklärung*?

Pensamos que, embora não verificáveis externamente, diferentemente da ética estética (KANT, 2003, p. XXII), e mesmo concebendo a dificuldade de acesso ou avaliação dos motivos e móveis das ações humanas, visto que “[...] quando se fala de valor moral, não é das ações visíveis que se trata, mas dos seus princípios íntimos que não se vêem” (KANT, 1980, p. 119), os motivos práticos, necessários e universais, da ação podem ser e estar presentes na vida humana mediante o desenvolvimento da razão prática, a qual exigirá do sujeito da ação a avaliação das razões ou o porquê da ação, será capaz de investigar e saber dos seus móveis e motivos.

O desenvolvimento da dimensão prática da razão humana representa, segundo Kant, a etapa suprema ou o fim de todo o processo educacional, o que se justifica pois, uma sociedade de conhecimentos, ou de algum conhecimento, mas sem qualquer valor absoluto, produziu *Auschwitz* no passado, bem como o neoconservadorismo no presente, resultados de quando o ser humano, uma vez que instrumentaliza os seus conhecimentos, dominado pela razão instrumental, utilitarista, opressora, desumana, vinculada ao poder e à dominação, segue sem ser capaz de refletir sobre as consequências do seus conhecimentos e ações, gerando a supremacia da porção irracional do ser humano, vale dizer, o oposto da proposta de desenvolvimento pleno da razão kantiana, em sua porção Teórica e Prática.

Nesse sentido, o olhar, o cuidado, a atenção e a formação da razão prática na educação kantiana, diz respeito a uma formação para além do alcance cognitivo e epistemológico, trata-se do reconhecimento de que a presença da dimensão epistemológica na educação precisa estar acompanhada de outras dimensões, em Kant, particularmente, da dimensão ética. A possibilidade dessa formação ética centra-se na faculdade prática da razão humana, o que implica dizer que se expressa, diretamente, em suas escolhas, em suas condutas, em seu agir e ações e o pensamento sobre isso se chama moral.

Para Kant, a liberdade, o caráter, a virtude, a vontade autônoma, a moralidade, não são questões da razão teórica. Todavia, tendo em vista que são questões vitais ao ser humano, era preciso um outro caminho para abordar e fazer efetivos os valores e princípios humanos na vida humana. Se a razão especulativa não pode dizer nada sobre a liberdade, a moralidade, a autonomia, era preciso procurar um outro caminho, é então pela razão prática, partindo do desenvolvimento e estabelecimento de uma metafísica dos costumes, o caminho encontrado por Kant para tratar de tais questões.

Para *conhecer* um objeto requer-se que eu possa provar a sua possibilidade (seja pelo testemunho da experiência a partir da sua realidade, seja a priori pela razão). Mas posso *pensar* o que quiser desde que não me contradiga, isto é, quando o meu conceito for apenas um pensamento possível, embora eu não possa garantir se no conjunto de todas as possibilidades lhe corresponde ou não a um objeto. Mas requerer-se-á algo mais para atribuir validade objetiva (possibilidade real, pois a primeira era apenas lógica) a um tal conceito. Este mais não necessita, no entanto, ser procurado justamente nas fontes teóricas do conhecimento, também pode residir nas práticas. (KANT, 2001, p. 25).

Sendo questões vitais ao ser humano, para cuidar da liberdade, da autonomia, da moralidade, Kant desenvolveu a sua Filosofia Prática, pura e empírica, e no interior desse pensamento prático está a pedagogia, a educação prática e a preocupação com a formação e o desenvolvimento da faculdade prática da razão humana.

Enxergamos a necessidade do desenvolvimento da razão teórica e da razão prática, o desenvolvimento dos conhecimentos e dos valores e princípios humanos, para que a barbárie não tivesse lugar e espaço no passado e para que hoje não volte a ter espaço e venha se repetir. A posição de Kant é de que, uma vez que se desenvolva a razão prática, haverá a consciência do dever-ser – de tudo o que, necessariamente, deve acontecer do ponto de vista da moralidade, toda ação sob valores e princípios. Quando o ser humano não realiza esse dever, é como se isso lhe causasse uma espécie de asco, de repulsa de aversão, bem como uma lástima ou desprezo mesmo com o menor desvio dele². A consciência do que funda uma ação, os seus motivos (*Bewegungsgrund*) e porquês, possível pelo desenvolvimento da razão prática, não permitirá nenhuma realidade totalitária, coisificada e instrumentalizada.

Cabe reforçar que a base do desenvolvimento da razão prática em Kant está diretamente ligada ao reconhecimento, respeito e adoção daquilo que deve ser feito do ponto de vista dos valores morais, ou seja, de todo o dever-ser. Há em Kant a ampla aposta no ser humano e na sua humanidade, considerando, via educação, o pleno desenvolvimento da sua razão, reforçando: teórica e prática. A formação e o desenvolvimento da razão teórica e da razão prática, segundo Kant, é possível por meio da educação, em particular, com a educação prática e suas subdivisões, o que veremos em seguida.

Importa que compreendamos, neste momento, que acerca da educação em Kant, trata-se de um conceito ou ideia que contempla a questão fundamental: “como poderíamos tornar os homens felizes, se não os tornamos morais e sábios?”. (KANT, 1999, p. 28). Revelamos a relevância do projeto de educação kantiana, isto é, a concepção de uma filosofia da educação que é capaz, desenvolvendo a razão prática e nos chamando a atenção para a necessidade moral do agir, de combater toda a arrogância e o egoísmo humano, de afastar as morais narcisistas, a partir da formação da razão especulativa e da razão prática (vital).

Educação Prática

A educação, conforme concebida por Kant, é entendida sob duas perspectivas, *Física* e *Prática*, e por quatro momentos fundamentais – o cuidado, a disciplina, a instrução e o direcionamento (KANT, 1999, p. 29). A educação física, também chamada por Kant (1999, p. 42) de primeira educação, é a educação corpórea e tem em vista propriamente o cuidado, o que significa as precauções, a conservação, o trato, para que, por exemplo, o infante não faça um uso nocivo e prejudicial de suas próprias forças, causando dano a si próprio. A educação prática com a disciplina, representa a educação das inclinações sensíveis, posteriormente, com uma variedade de processos mais específicos chamados de, por exemplo, instrução, ensino, direcionamento ou orientação são os momentos de formação e de desenvolvimento do ser humano em direção à sua humanidade. A educação, segundo a concepção do filósofo, “[...] abrange os cuidados e a formação”. (KANT, 1999, p. 29). A partir de suas perspectivas e de seus respectivos momentos, a educação poderá desenvolver, pouco a pouco, a humanidade própria de todo ser humano.

Considerando a preocupação deste manuscrito, a análise dos conceitos de razão e educação prática em Kant e a formação humana como um pressuposto no enfrentamento das adversidades, oferecemos agora os esclarecimentos acerca da educação prática kantiana. Lembrando que “chama-se prático tudo o que se refere à liberdade” (KANT, 1999, p. 29), a formação ou educação prática é, segundo Kant, a perspectiva específica da educação que terá como fim o desenvolvimento do ser humano para que ele possa viver e ser moral e livre. Para compreendermos essa posição, é preciso dizer que, de acordo com a filosofia prática de Kant, há a compatibilidade entre moralidade e liberdade, o ser humano, ao elevar a sua razão até os conceitos de dever e de lei moral é, desse modo, livre das determinações externas e capaz de autolegislação.

2 Cf.: KANT, 2008, p. 7; KANT, 2003, p. 543.

A educação prática é subdividida por Kant em negativa, que se refere à disciplina, e em positiva, para a instrução e o direcionamento que são os momentos de desenvolvimento e de formação do educando. Começamos pela parte negativa da educação prática, a disciplina.

A disciplina, o segundo momento da educação e o primeiro momento da educação prática, “[...] transforma a animalidade em humanidade [...] é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria”. (KANT, 1999, p. 12).

Kant (1999, p. 13), chama de selvageria, estado bruto, brutalidade, puro instinto ou animalidade, a independência de toda e qualquer lei, a disciplina, por sua vez, será o início do processo de obediência do ser humano às leis da sua humanidade. As leis da humanidade, não perdendo de vista o conjunto da filosofia prática de Kant, nada mais são, senão, as leis morais, isto é, uma legislação que o ser humano, mediante a faculdade prática da sua razão, é capaz de oferecer a si mesmo. Nesse sentido, com a disciplina, há o início do processo para que a criança, quando atingir a idade juvenil e adulta, seja capaz de dar a si mesma, e seguir por querer, o princípio supremo da ação, isto é, a lei moral da sua razão prática. A fórmula universal da lei moral é apresentada no primeiro momento, na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, como um mandamento da razão, um imperativo que, por sua vez, se exprime pelo verbo dever (*Sollen*) (KANT, 1980, p. 124), e, posteriormente, como a lei fundamental da razão prática, na *Crítica da razão prática*. No § 7 da *Crítica da razão prática*, Kant apresenta a lei fundamental da razão prática, dizendo: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal”. (KANT, 2003, p. 103). Tal lei exprime uma ação moralmente válida a todos os seres racionais sem permitir exceções e ordena pensar a máxima da ação enquanto princípio de uma possível legislação universal. Em Kant, a razão, ao oferecer as leis práticas (morais), é chamada de razão prática pura, a faculdade humana capaz de fornecer uma incondicional condição para a ação voluntária. A razão é prática, ou pode ser prática, no sentido de que ela é uma faculdade legislativa capaz de oferecer leis ao agir moral. De acordo com Kant: “A lei, considerada em nós, se chama consciência. A consciência é de fato a referência das nossas ações a essa lei”. (KANT, 1999, p. 99).

Então, para que a criança, ao atingir a idade juvenil e adulta, possa manifestar e fazer uso da faculdade prática da sua razão, ou seja, dar-se as leis que guiarão as suas ações, o primeiro passo toca à disciplina, não à formação. Na visão de La Taille:

Uma educação que não disciplina fracassa em arrancar o homem de seu estado inicial de selvageria; uma educação que não instrui apenas adestra e fracassa em ensinar o homem a pensar, tornar-se cidadão e [...] fracassa em tornar a criança em ser moral (LA TAILLE, 1996, p. 141).

Assim, a disciplina como o primeiro momento da educação prática kantiana, é o que impedirá o ser humano desde cedo de se tornar refém dos instintos mais primitivos, eis “o que Kant denomina como domar a selvageria”. (SANTOS, 2007, p. 5). O que não significa, neste contexto, destruir ou erradicar com todo e qualquer instinto, não significa ter que abolir ou suprimir com todas e quaisquer inclinações, desejos, paixões, apetites. Disciplinar, em Kant (1999, p. 13), significa, especificamente, procurar evitar que a animalidade cause danos à humanidade, significa evitar que a selvageria, o estado de ausência de toda e qualquer lei, cause prejuízos ao processo de formação e de desenvolvimento da humanidade. Kant (1999, p. 50) alerta, é preciso atentar-se para que o disciplinar não trate a criança como escrava, antes, que a faça começar a sentir a sua liberdade que se manifesta pela faculdade prática de sua razão.

Isso se justifica pois, de acordo com Kant (2003, p. 419), o instinto, o impulso, a inclinação, podem até apresentar uma tendência ao bem ou ao correto moral (distinto do valor moral), à benevolência, mas são cegos e servis, podendo muitas vezes causar danos ao ser humano e à sua humanidade. Quando investigadas as razões do agir, na ação motivada por um instinto ou impulso, há a ausência de um princípio e a posição do filósofo é: na ausência do princípio prático, os costumes estariam facilmente sujeitos a perversões, corrupções e desvios do ponto de vista ético, o ser humano, motivado por um impulso, pode se deixar seduzir ou desviar facilmente de suas ações com e por valor moral, ou seja, daquilo que deve necessariamente acontecer, o que devemos fazer

do ponto de vista da moralidade. A ação por impulso, ora pode mover e determinar o ser humano em suas ações, ora não, e se não move, deixamos de realizar, o que do ponto de vista moral ou do caráter, é necessário.

Acerca das inclinações, tendências, impulsos, paixões, para Kant (1999, p. 106), “convém também orientar o jovem para a alegria e o bom humor” e, nesse sentido, é reforçada a posição de Kant da não necessidade de erradicar toda e qualquer inclinação³, mas tudo o que em geral nos inclina, sentimentos, paixões, impulsos são contingentes e, para o filósofo, tendo em vista a vida moral humana, não devemos deixá-la à sorte de qualquer contingência. Assim, na ausência de leis, que não são as leis sociais, religiosas, nacionais ou de tradições, mas as leis da própria humanidade, intrínsecas a todo ser humano e possíveis mediante a faculdade prática da sua razão, a ação por desejos face às inclinações, além de não poder conferir o autêntico valor moral à ação do ser humano, pode, em muitos casos, prejudicar a natureza humana no processo do desenvolvimento de sua humanidade, ademais, no processo do desenvolvimento da humanidade moral e livre⁴.

Assim, a disciplina é o primeiro passo de uma educação prática, ou seja, para a formação e o futuro desenvolvimento da capacidade prática da razão humana. É a disciplina que irá conter o ser humano para que ele não siga, imediata e cegamente, a cada um de seus caprichos, instintos, impulsos ou inclinações, a disciplina é fundamental para que a criança possa, no futuro, agir segundo um projeto de conduta e de ação, possa seguir as leis da sua própria humanidade. Com a disciplina em Kant, há “a formação geral da humanidade para além da animalidade da raça humana”. (OLIVEIRA, 2006, p. 74).

No entanto, a disciplina é somente como o primeiro momento da ideia de educação prática de Kant, pois a moralidade e a liberdade humana fundam-se em máximas da ação e não sob a disciplina – a disciplina impede os vícios, mas só a máxima forma o modo de pensar. (KANT, 1999, p. 75). Portanto, pensando no alcance da humanidade, a disciplina não basta, a educação prática não se resume à disciplina, a qual doma a animalidade, mas é capaz apenas de gerar um hábito que pode desaparecer com os anos. Para Kant (1999, p. 48): “O hábito é um prazer ou uma ação convertida em necessidade pela repetição contínua desse prazer ou dessa ação” ou “Um hábito é o estabelecimento de uma inclinação persistente sem nenhuma máxima” (KANT, 2004, p. 130).

É preciso continuar o processo educacional e “proceder de tal modo que a criança se acostume a agir segundo máximas” (KANT, 1999, p. 75). Desse modo, é indispensável a disciplina, mas a educação prática, segundo a concepção kantiana, exige, no momento seguinte, o olhar para a máxima da ação, “a educação prática não pode permanecer baseada unicamente sobre a disciplina,

3 Kant, particularmente, em dois momentos nos oferece a definição do que ele chama de inclinação. Na Fundamentação da metafísica dos costumes: “Chama-se inclinação a dependência em que a faculdade de desejar está em face das sensações”. (KANT, 1980, p. 124). Na Antropologia de um ponto de vista pragmático (KANT, 2006, pp. 149, 163), diz que o apetite sensível habitual ou o desejo sensível que serve de regra/hábito ao sujeito, chama-se inclinação. Por apetite entende-se a autodeterminação de um sujeito mediante a representação de algo futuro enquanto seu efeito, uma determinação segundo uma representação, trata-se de uma futura ação voluntária que se espera algo enquanto efeito. Desse modo, compreendemos que o apetite sensível habitual ou a faculdade de desejar face às sensações, mediante a representação de algo futuro enquanto efeito de uma ação segundo ou por vontade, é uma inclinação. Na Antropologia, a faculdade de desejar, quando dependente de alguma sensação, há o que podemos chamar de inclinação. Uma determinada inclinação que a razão do indivíduo dificilmente pode dominar, ou não pode dominar de modo algum, é uma paixão. A inclinação sustentada por algum sentimento, por exemplo, de prazer ou desprazer, satisfação ou dor, agradável ou desagradável, alegria ou tristeza, amor, ira, no estado presente (no agora) que não permite a reflexão racional aflorar no indivíduo, por exemplo, se se deve entregar ou resistir ao sentimento, é a afecção. (KANT, 2006, p. 149).

4 Exemplificando: “Ser caritativo quando se pode sê-lo é um dever, e há além disso muitas almas de disposição tão compassiva que, mesmo sem nenhum outro motivo de vaidade ou interesse, acham íntimo prazer em espalhar alegria à sua volta e se podem alegrar com o contentamento dos outros, enquanto este é uma obra sua. Eu afirmo porém que neste caso uma tal ação, por conforme ao dever, por amável que ela seja, não tem contudo nenhum verdadeiro valor moral, mas vai emparelhar com outras inclinações, por exemplo, o amor das honras que, quando por feliz acaso topa aquilo que efetivamente é de interesse geral e conforme ao dever, é conseqüentemente honroso e merece louvor e estímulo, mas não estima; pois à sua máxima falta o conteúdo moral que manda que tais ações se pratiquem, não por inclinação, mas por dever. [...] se a natureza não tivesse feito de um tal homem (que em boa verdade não seria seu pior produto) propriamente um filantropo, – não poderia ele encontrar dentro de si um manancial que lhe pudesse dar um valor muito mais elevado do que um temperamento bondoso? Sem dúvida! – e exatamente aí é que começa o valor do caráter, que é moralmente sem qualquer comparação o mais alto, e que consiste em fazer o bem, não por inclinação, mas por dever”. (KANT, 1980, p. 113).

mas deve assentar sobre máximas”. (SANTOS, 2011, p. 211). A máxima da ação é o princípio ou fundamento subjetivo do querer (KANT, 1980, p. 115), isto é, as razões, a intenção ou o porquê que o sujeito da ação tem ou se dá para agir. Para o caso do ser humano e, considerando a perspectiva prática da educação kantiana, em primeiro lugar essas máximas são as da escola, depois, as da humanidade, isto é, da própria humanidade presente em todo ser humano, o que consiste na autolegislação, portanto, “no primeiro período, o constrangimento é mecânico; no segundo, é moral”. (KANT, 1999, p. 30).

Prosseguindo com a subdivisão da educação prática kantiana em negativa (disciplina) e positiva (formação), observemos agora o que envolve a parte positiva do sentido prático da educação em Kant, que se refere à educação: escolástica, pragmática e moral.

A educação escolástica, diz respeito ao desenvolvimento das habilidades e aptidões dos seres humanos, é a educação para a formação da razão teórica e envolve a faculdade de conhecer teórico ou especulativo, a educação escolástica assegura o desenvolvimento dos conteúdos cognitivos. De acordo com Kant, abrange a instrução e vários conhecimentos,

[...] é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos [...] Algumas formas de habilidade são úteis em todos os casos, por exemplo, o ler e o escrever; outras só são boas em relação a certos fins [...]. A habilidade é de certo modo infinita, graças aos muitos fins. (KANT, 1999, p. 25-26).

A educação pragmática prática diz respeito à prudência que, segundo Kant, é como uma espécie de civilidade, um ser humano prudente e, portanto, segundo a concepção kantiana, civilizado, possui certas noções que a pessoa que possui somente conhecimentos especulativos, ou seja, a pessoa meramente hábil, não possui. Trata-se de uma espécie de educação política, “a civilização visa formar o cidadão para que ele tome parte ativa na vida da sociedade em que está inserido”. (SANTOS, 2011, p. 211). Ainda que não aborde designadamente as ações morais, a educação pragmática forma o cidadão com bons modos, cortesia e gentileza, por exemplo, a prudência ou civilidade de não se servir de outros seres humanos para a realização dos seus próprios interesses. Segundo Kant:

[...] por um prazer universalmente comunicável e pelas boas maneiras e refinamento na sociedade, ainda que não façam o homem moralmente melhor, tornam-no porém civilizados, sobrepõem-se em muito à tirania da dependência dos sentidos (KANT, 1993, p. 274).

Finalmente, a educação moral, que se refere à ética e ao intrínseco valor das ações humanas, a saber, o valor moral. “Por último vem a formação moral, enquanto é fundada sobre princípios que o homem deve reconhecer”. (KANT, 1999, p. 35-36). Com o desígnio de formar moralmente, a educação deve:

[...] cuidar da moralidade. Na verdade, não basta que o homem seja capaz de toda sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins. Bons são aqueles fins aprovados necessariamente por todos e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um (KANT, 1999, p. 26)⁵.

A educação moral, terceiro e incontestável momento da educação prática de Kant, tem em vista os componentes de uma razão prática, exemplificando, a moralidade, a virtude, o caráter, a pessoa, a autonomia e a liberdade, portanto, cuidará do desenvolvimento da dimensão prática da razão humana, como exposto, a razão é para Kant a faculdade dos princípios, enquanto prática, dos princípios práticos. A educação prática kantiana terá em vista a formação de um ser humano que

⁵ Apontamos que na obra *Metafísica dos costumes – Princípios metafísicos da doutrina da virtude*, na primeira seção da Doutrina ética do método, Kant apresentará o método educativo, técnicas e meio experimental, que possa atingir os objetivos da educação prática no seu momento final e decisivo – a formação moral do educando.

será capaz de querer agir e viver segundo valores e princípios morais, o que, em Kant, representa o máximo do valor da natureza humana, o valor intrínseco e absoluto (não relativo) de todo ser humano, como explica Kant, a formação prática oferece ao ser humano um valor que diz respeito à inteira espécie humana. (KANT, 1999, p. 35).

Veja, não se trata de recusar a formação dos conhecimentos teóricos, a própria proposta de Kant de educação prática ressalta a importância dos conhecimentos teóricos, das habilidades, mas trata-se da atenção para a necessidade de trazer, junto da formação cognitiva, junto dos conhecimentos especulativos, as outras dimensões dos seres humanos, ressaltamos aqui as dimensões moral e ética. A educação kantiana deve,

[...] sobretudo, cuidar do desenvolvimento da humanidade, e fazer com que ela se torne não somente hábil, mas ainda mais moral e, por último – coisa muito útil –, empenhar-se em conduzir a posteridade um grau mais elevado do que elas atingiram (KANT, 1999, p. 25).

A parte positiva da educação prática, junto da educação escolástica, pragmática e moral, tem propriamente o objetivo de desenvolver as habilidades, a prudência e, por fim, a moralidade. Desse modo, a educação, no sentido de formação e desenvolvimento dos seres humanos, somente será plena se enxergar o ser humano em sua totalidade, que, em Kant, envolve o conhecer e o agir político e moral, de toda a espécie humana. (DELBOS, 1969, p. 591). Enxergamos a educação prática kantiana, com os seus momentos de disciplina e de formação, representando a possibilidade da plena formação e desenvolvimento do ser humano em suas diferentes dimensões: cognitiva, afetiva, política, ética. Isso significa em Kant, conforme posto, o desenvolvimento da sua humanidade do ser humano: as habilidades, aptidões, qualidades, a civilidade e a prudência, a moralidade, virtude, autonomia, emancipação, liberdade, ética, o caráter e a escolha pelos bons fins.

Esse projeto de educação prática e processo de formação para os seres humanos, expresso de forma sistemática nas preleções *Sobre a pedagogia* e também de modo segmentado em diversos momentos da filosofia de Kant, representa o desígnio da filosofia da educação ou pedagogia de Kant em proporcionar uma orientação, como especifica Suchodolski (2002, p. 09) ao esclarecer a tarefa fundamental da teoria ou do pensamento, trata-se do “fio condutor precioso (...) o esclarecimento de diversos aspectos e a correção de abundantes ideias feitas”, para, quem sabe, a possível promoção do real, um genuíno exercício para a vida humana, o qual permite, ademais, a ampliação do alcance da filosofia. Eis aqui o trabalho filosófico ampliando o alcance da filosofia.

Considerando as análises da pedagogia de Kant, neste momento, em especial acerca da educação prática, afirmamos que há no pensamento de Kant preocupações de perspectivas educacionais consequentes, que revelam a necessidade e a possibilidade de uma formação integral do ser humano, isto é, o ser que possui conhecimentos e que age segundo valores e princípios humanos, valores que condicionam a nossa ação, mas não são condicionados por qualquer outra exterioridade – social, política, religiosa ou por interesses meramente particulares. Isso porque o grau máximo da formação humana em Kant envolve a formação em valores, consequentemente, a formação para a realização de ações éticas. Há na educação prática de Kant, a possibilidade da educação, pensada e apresentada, com um importante desígnio, fundamentalmente, moral e ético, o que nos permite hoje, pensar na urgente recuperação de uma dignidade última possível na esfera do vir a ser humano.

Desse ponto de vista, ressaltamos a necessidade de pensar com seriedade e efetivar via educação tudo o que o ser humano pode e deve ser, o que na filosofia da educação kantiana significa atentar-se, fundamentalmente, para uma faculdade própria do ser humano, a saber, a faculdade prática da razão humana. Uma capacidade da razão capaz de mover a nossa vontade, uma faculdade de determinação do nosso querer fazer, do querer agir, das escolhas pelos bons fins, das decisões genuinamente morais, uma capacidade racional prática que pode ser desenvolvida pela educação para a sociedade, o que se contrapõe às interpretações da moralidade kantiana baseadas no entendimento de uma razão individual e isolada. Talvez, devemos olhar, com discernimento, para a sua possibilidade, pois, conforme posto por Kant (2006, p. 190), o ser humano não recebe pronto um caráter ou uma índole moral, mas pode e precisa ser desenvolvido, a humanidade,

em Kant, é algo que podemos exigir do ser humano, junto de uma concepção de educação ou de formação plena e humana, a qual leva em consideração as diferentes dimensões que constituem as especificidades do ser humano.

Veja, tal como é o caso da *Crítica da razão pura*, no que diz respeito ao conhecimento especulativo e a investigação acerca das condições de sua possibilidade, para o caso da educação, verificamos o filósofo se comprometendo com a investigação acerca das condições de possibilidade de uma boa educação que contemple a humanidade do ser humano – o que é necessário à educação para que ela alcance a Humanidade?

Nesse sentido, indicamos a atualidade da educação conforme concebida por Kant, vale lembrar de alguns pensadores críticos da Filosofia Moderna, por exemplo, Adorno que, ao avaliar o texto kantiano acerca do Iluminismo, advertiu, ademais, sobre a oportunidade da filosofia prática kantiana. De acordo com Adorno (2006), Kant “determinou a emancipação de um modo inteiramente conseqüente, não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser”. Essa avaliação diz respeito a uma das centrais preocupações filosóficas do pensamento prático de Kant, a preocupação com todo o dever-ser, efetivando via educação, por conseguinte, uma razão vital para além da instrumentalidade. O que significa, via ação educacional, o resgate do ser humano e a sua formação para além de sua dimensão técnica, uma educação que considera o ser humano de um modo integral e ampliado, não reduzido.

Considerações Finais

A partir da razão e educação prática na filosofia da educação de Kant, vislumbramos a alternativa, junto dos fundamentos filosóficos da educação, de renovadas atitudes, comportamentos, ações humanas, pedagógicas e educacionais, outros e diferentes olhares e posturas acerca da educação pois, voltar-se para a dimensão humana em união do estudo teórico-filosófico do tema, dos conceitos e dos princípios, possui esse significado, ademais, de contribuir com as discussões contemporâneas de quem somos, podemos ou devemos ser em uma sociedade mais justa, cuidadosa e democrática, a partir de uma ampla concepção e ação educativa que efetive a abertura humana de ordem cognitiva, social e ética.

Desse modo, trouxemos os esclarecimentos e elucidações conceituais do pensamento educacional de Kant, particularmente acerca da razão prática e da educação prática, buscando tecer perspectivas de enfrentamento com a afirmação de um vir a ser de formação humana efetiva. Se o presente, educacional e humano, nos incomoda, talvez devamos, com o auxílio dos fundamentos, dos projetos e das ideias, vislumbrar um futuro em que essas realidades possam ser melhores e propícias ao humano, nas quais o ser humano se realize de forma plena. Precisamos avistar um futuro como um modo resposta ao presente, afinal, a crise humana “obriga todos, em especial aos pensadores, a uma profunda reflexão”. (GRACIA, 2012, p. 89). Por isso, incluímos a dimensão ética do educando como uma possibilidade de debate e de compreensão. Podemos caminhar juntamente com os pensadores (filósofos, sociólogos, teóricos)? Podemos experimentar, na atualidade, o pensamento, ou, por outro lado, devemos declará-lo como algo do passado?

Vale dizer que estamos fazendo referências a um pensamento moral, ético e educacional que cessa com o ‘querido Eu’, que retira os interesses e propósitos particulares da sustentação da vida ética, enquanto a razão ou motivo das ações em detrimento da Humanidade, bem como se escusam, por exemplo, das prescrições e imposições das tradições, sejam elas nacionais ou religiosas. Sempre se viu os seres humanos ligados a regras e valores morais, a novidade de Kant no século XVIII foi supor que esses valores poderiam estar no próprio ser humano, então, segundo ele, caberia à educação desenvolvê-los e, nesse sentido, desenvolver a humanidade que se pode definir pelas ações humanas com e por valor. “Fica claro, portanto, quantas coisas uma verdadeira educação requer!”. (KANT, 1999, p. 27).

Pensamos que não assegurar a formação dos outros aspectos e dimensões dos seres humanos, por exemplo, a formação de uma razão prática que garante a formação da humanidade, implica na tecnização dos conhecimentos e, no campo das ações humanas, apenas a informação ou o conhecimento técnico não são suficientes. Somente a instrução para os conhecimentos que, sem a atenção com a formação humana, podem se tornar técnicos, além de não bastar ao pleno

desenvolvimento do ser humano, pode ser muito prejudicial pois, quando consideramos somente a instrução para os conhecimentos técnicos, e nada além, corre-se o risco da barbárie. Logo, é preciso extinguir a “formação” educacional que assegura e oferece somente a mera tecnização, as banais receitas de moralização do “faça” ou “não faça”, a qual desconsidera a consciência moral, a prudência e a humanidade em relação ao ser humano total e plural.

Decerto esse ponto é, no campo das implicações educacionais e éticas, o significado da recusa da coisificação dos seres e de suas práticas, que empobrece as relações com o outro, retirar da vida a possibilidade de novos modos de pensar e de agir traz o hábito das ações cristalizadas, consolida o desrespeito por tudo o que diz respeito ao ser humano e às suas relações, sejam elas privadas ou públicas, sociais, políticas, eróticas, amigáveis, educacionais. Do exposto no presente artigo, declaramos a necessidade de uma formação educacional que não se reduza à perspectiva epistemológica como a única possível, mas que leve em conta a dimensão plano plural do ser humano.

Por fim, refletindo junto de Kant, podemos deixar as questões: há hoje, no âmbito da complexa ação educacional, a preocupação com a formação e o desenvolvimento, além da razão teórica, de uma razão prática? A razão que nos dirige às relações humanas e que nos responde com segurança, independentemente de qualquer exterioridade, sobre o que devemos fazer do ponto de vista prático, no sentido kantiano, do ponto de vista dos valores legítimos, dos princípios humanos e morais. Ou, por outro lado, as garantias de formação educacional voltam-se somente para o ensino especulativo e técnico? O qual, como vimos, pode enfraquecer e colocar em risco a própria sobrevivência dos seres, humanos e não humanos. Qual ser humanos podemos formar e queremos em nossas experiências cotidianas? Qual é o projeto ou ideia de educação que defendemos? Consequentemente, qual é o projeto ou ideia de sociedade que defendemos e queremos? Pensamos que unicamente por meio da formação plena dos educandos – cognitiva, estética, ética, política, cultural (...) – podemos nos tornar verdadeiramente humanos. Nesse sentido, somente por meio de uma autêntica formação humana, a formação que garante, também, as questões vitais, poderemos, com segurança humana, política, social (...), enfrentar as diversas adversidades que se apresentam à vida e às vivências.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 4. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Tradução de Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica – BNC Formação**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file#:~:text=Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico-,As%20Diretrizes%20Curriculares%20Nacionais%20para%20a%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Inicial%20em%20N%C3%ADvel,%2FCP%20n%C2%BA%204%2F2018..> Acesso em: 20 ago. 2020.

BUENO, Vera Cristina de Andrade. Kant e a tarefa da educação. *In*. OLIVEIRA, P. E. de (org.) **Filosofia e educação**: aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

CORSETTI, Berenice. Neoconservadorismo e Políticas Educacionais no Brasil. **Educação Unisinos**. 23(4): 774-784, out-dez 2019. Doi: 10.4013/edu.2019.234.11. Disponível em: [revistas.unisinos.br › viewFile › edu.2019.234.11](http://revistas.unisinos.br/viewFile/edu.2019.234.11). Acesso em: 13 jul. 2020.

- DELBOS, Victor. *La philosophie pratique de Kant*. Paris: P. U. F., 1969.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- GRACIA, Diego. La construction de la autonomía moral. Parte II. **Revista del Hospital Italiano de Buenos Aires**, vol. 32, n.1, 2012.
- KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. *In: Textos selecionados/Immanuel Kant*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Tradução de Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela e Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?. *In: Textos Seletos*. 2. ed. bilíngue. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- KANT, Immanuel. **Crítica do juízo**. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2. ed. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1999.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. 1. ed. bilíngue. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, Immanuel. **Metafísica dos costumes**. Parte II: Princípios metafísicos da doutrina da virtude. 1. ed. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2004.
- KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. 1. ed. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- LA TAILLE, Yves. de. A educação moral: Kant e Piaget. *In: MACEDO, Lino de (Org.). Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- OLIVEIRA, Mário Nogueira de. Para inspirar confiança: considerações sobre a formação moral em Kant. **Revista Transformação**, São Paulo, 29 (1), 2006.
- LOUDEN, Robert. **Kant's impure ethics**. From rational beings to human beings. New York; Oxford: Oxford University Press, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MAIA, Ari Fernando. A. As aporias do conceito de autonomia: contribuições pontuais para a educação emancipatória. *In: Zuin, A. A. S.; Lastória, L. A. C. N.; Gomes, L. R. (Org.). Teoria Crítica e Formação Cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.
- SANTOS, Robinson dos. Kant e a exigência de uma ciência da educação. **Educação em Revista**, n. 5, 2004.

SANTOS, Robinson dos. Educação moral e civilização cosmopolita: atualidade da filosofia prática de Kant. *Revista Iberoamericana de Educación*. Nº 41/4 -10, 2007.

SANTOS, Robinson dos. Liberdade e coerção: a autonomia moral é ensinável?. *Studia Kantiana - Revista da Sociedade Kant Brasileira*, n. 11, 2011.

SANTOS, Robinson dos. O Problema da Autenticidade das Preleções de Pedagogia de Kant. *In*. Carlos Ferraz; Flávia Carvalho Chagas; Robinson dos Santos (orgs.). **A filosofia prática de Kant: ensaios**. Pelotas: NEPFIL online, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **A Nova LDB: trajetória, limites e perspectivas**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo, Olho d'água, 2001.

STARK, Werner. Vorlesung – Nachlass – Druckschrift? Bemerkungen zu Kant über Pädagogik. *In: Kant-Studien*. Jahrgang, Sonderheft. Berlin – New York: Walter de Gruyter, 2000.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte. 2002.

WEISSKOPF, Traugott. **Immanuel Kant und die Pädagogik. Beiträge zu einer Monographie**. Basel: Editio Academica, 1970.

Recebido em: 08 de setembro de 2020.

Aceito em: 07 de março de 2022.